

# Da Reta do Saber à Roda da Sabedoria

**MIGUEL ALMIR LIMA DE ARAÚJO**

Professor da UEFS e da UNEB. Doutor em Educação.  
malmir@uol.com.br

Quanto mais adquirimos conhecimento, as coisas não se tornam mais  
compreensíveis, e sim mais misteriosas.

*Albert Schweitzer*

O progresso povoou a história com as maravilhas e os monstros da técnica,  
mas desabitou a vida dos homens. Deu-lhes mais coisas, mas não lhes deu  
mais ser.

*Octavio Paz*

Onde está a sabedoria que perdemos com o conhecimento. Onde está o  
conhecimento que perdemos com a informação?

*T. S. Eliot*



### **Resumo**

O texto apresenta meditações acerca do Saber como repertórios de conhecimento que traduzem informações e referências gerais e de cunho científico e técnico que, com seus traços lógico-formais, sistemáticos e críticos, são necessários para a pragmática e a funcionalidade da vida cotidiana. Descortina compreensões sobre a Sabedoria como repertórios que se constituem desde a esfera do saber e que o ultrapassa e expande primando pelo horizonte existencial dos valores e Sentidos primordiais que plasmam a condição humana. Sabedoria implica na coexistência in-tensiva e fecunda entre o pensar e o sentir, o teórico e o vivencial, a corporeidade e a espiritualidade; no cuidado com a complexidade da inteireza do humano. O saber se circunscreve na órbita do entendimento, do significado. A sabedoria se territorializa no orbe da compreensão, dos Sentidos.

### **Palavras-chave**

Saber. Sabedoria. Sentidos.

Em nosso processo civilizatório, sobretudo nos territórios dos saberes instituídos nas mais diversas esferas das estruturas sócio-culturais, predomina a supremacia da órbita do saber em detrimento do orbe da sabedoria.

O campo do saber, com seus estatutos lógico-formais, com seu teor analítico e crítico, com sua conformação técnica e instrumental, se constitui de acervos de conhecimentos necessários à funcionalidade e a dinamização dos expedientes da vida cotidiana, em suas trajetórias imediatas e pragmáticas, mediante o desdobramento das atividades rotineiras, seja no âmbito da individualidade, como das relações intersubjetivas/sociais, de trabalho, familiares, comunitárias etc.

O saber se estrutura desde as noções do senso comum que revelam os significados da pragmática que perfaz a cotidianidade do viver, e desde o conhecimento científico com suas configurações lógico-formais traduzindo processos de investigação elaborados e sistematizados de modo analítico e experimental que incidem em interpretação, entendimento e operacionalização do mundo.

Na cultura humana, o saber se traduz em repertórios de informações, de recursos técnicos e tecnológicos que são necessários para que a vida e as relações humanas sejam estruturadas e consolidadas em consonância com as qualidades concebidas como pertinentes e fundamentais para a efetivação da dignidade humana. Dignidade que se traduz no cuidado com as condições básicas de vida como saúde, trabalho, educação, lazer etc. Porém, apenas a órbita do saber não contempla a complexidade da inteireza e da riqueza da condição humana em suas dimensões mais vastas e fundas.

O saber, em grande medida, dá conta das instâncias material, física e imediata do viver, de sua expressão mais instintiva e biológica, mas não penetra no orbe de suas instâncias anímicas,

na espiritualidade e na poeticidade do existir. Se nos confinamos apenas no âmbito do saber, reduzimos nossas vidas às suas expressões primárias de funcionalidade, instintividade e de vegetatividade.

O predomínio do saber, da técnica, do tecnológico, do tecnocientífico, em detrimento do cuidado com a busca de sabedoria implica na prevalência de posturas humanas apáticas e metálicas que apenas funcionalizam a vida na pragmaticidade das ações imediatas e que privilegiam os valores da apropriação, do consumismo, do ter coisas, bens e até pessoas. Essas posturas denegam e impedem o cuidado com os tesouros do ser, com as qualidades internas da alma e do coração.

Essa cruzada frenética pelos emblemas do ter, que com tanta voracidade assola nossa sociedade, leva a posturas mesquinhas que minimizam o humano; que nos escraviza nas armadilhas e nos grilhões do consumismo; que nos joga na digladição das arenas da competição barbarizante.

A predominância do saber tende também a nos confinar nas esferas do teórico, dos conceitos analíticos, dos domínios abstratos do discurso e nos distanciar da concretude das ações do vivenciar, do experimentar, do “sujar as mãos” e o corpo todo, para, assim, nos contaminarmos com o volver e o revolver intensivo das experiências contingentes que desafiam e proporcionam iniciações e aprendizagens. Iniciações e aprendizagens que nos atravessam por dentro, por inteiro, na fruição dos Sentidos pregnantes e anímicos do existir. Apenas o saber desprovido dos tons da sabedoria nos vicia nas atitudes demagógicas e descarnadas das texturas e in-tensidades do vivido/vivente.

O saber se territorializa no campo do significado em que os signos denotam, indicam e representam as coisas na lógica de sua funcionalidade que operacionaliza a pragmática do viver cotidiano. A busca de sabedoria inclui o universo dos signos e nos incursiona nos horizontes dos símbolos. Os símbolos, com sua composição polissêmica e transversal, são prenes de Sentidos que traduzem os valores primordiais constitutivos do existir e do co-existir humanos. Esses valores são sedimentados pelos diversos povos da humanidade e configuram seus tesouros mais preciosos, revelando a unidade (nossas semelhanças como raça humana) e a multiplicidade (os fluxos de nossas diferenças culturais) que nos perfaz.

A sabedoria se constitui desde os territórios do saber, incluindo o campo dos significados, os expande e ultrapassa primando pelo horizonte existencial dos Sentidos primordiais que compõem a condição humana traduzidos na polifonia dos símbolos. Os grandes livros de sabedoria da humanidade são constituídos de imagens simbólicas. Sabedoria implica na confluência entre o teórico e o vivencial, entre o pensamento e o sentimento, entre o dentro e o fora; implica num cuidado in-tensivo com as múltiplas dimensões e estados que nos constituem humanamente, desde os cinco sentidos primários, a intuição, as afecções (emoções e sentimentos), a imaginação criante, a sensibilidade, o pensamento meditativo, o espírito inventivo e altivo, a espiritualidade.

Os mananciais de sabedoria da humanidade se plasmam, portanto, através da polifonia dos símbolos, das imagens míticas que povoam os repertórios dos tesouros pregnantos e anímicos que vicejam nossos imaginários, a cultura humana. Dessa forma, a busca de sabedoria se traduz em posturas que procuram penetrar nas instâncias mais fundas e vastas do existir, do corpo e da alma, do espírito e do coração humanos. A busca de sabedoria se descortina no *conhece-te a ti mesmo*, no autoconhecimento que se enreda pelos caminhos abertos e pluralistas que nos conduzem aos desvãos dos limites e possibilidades, do ponderável e do imponderável, dos paradoxos e enigmas humanos. Nesse rumo, muito mais do que entender e explicar os fenômenos, a vida, a mirada da sabedoria supõe compreensão e implicação com estes.

A procura de sabedoria incide na escuta dos silêncios que murmuram nos confins do existir, dos ruídos que ressoam nas dobras das contingências. Escuta dos vazios silentes que nos atravessam, que atravessam os fenômenos e seres do universo. Essa procura de sabedoria traduz a mirada ad-mirante que nos espanta e interpela para a fruição das in-tensidades do ser-sendo-no-mundo-com. Traduz a dis-posição para as travessias que implicam nos desafios da conflitividade do viver, das trepidações das dores e dos desalinhos *demaismente* humanos, compreendendo-os como possibilidades e oportunidades de maturação e de fortalecimento do espírito e do coração.

A busca de sabedoria compreende que os processos e ações de educar, em suas modalidades mais diversificadas, se configuram como *ritos vivos de iniciação* que atravessam e mobilizam in-tensivamente a inteireza de nosso ser sendo mediante a coexistência seminal entre corpo e espírito. Ritos de iniciação que, assim, se descortinam em processos de aprendizagens e de co-aprendizagens dos valores e Sentidos humanos que configuram a Ética (bem, liberdade, equidade, solidariedade, amorosidade...) e a Estética (sensibilidade, gosto, fineza, beleza...).

Confinados na esfera do saber, os processos educativos se reduzem a meras práticas instrucionais que privilegiam formas e conteúdos técnicos e funcionais, a in-formação para os papéis sociais, para a funcionalização das estruturas produtivas. Esses processos tendem a descambar nas posturas individualistas que segregam e incidem nas competições que barbarizam e dilapidam o humano, as relações humanas e o ecossistema.

O saber pode nos proporcionar, de modo significativo, a busca do bem. A sabedoria nos implica com o bem mas nos conduz ao belo, fomenta nossa sede de beleza. O saber se estrutura nos vãos das vias retas, da medida, da ordem, do cálculo, da previsão e da precisão como instâncias e estados necessários à pragmaticidade da vida. A sabedoria parte dessas instâncias e estados, nos mobiliza e precipita nos desvãos do incomensurável, do imponderável, do incontornável, do incalculável, na vastidão do fundo sem fundo; nos leva às travessias curvas das encruzilhadas em que se interpenetram a ordem e a desordem, o previsível e o imprevisível, a precisão e a imprecisão, a certeza e a incerteza, a luz (o solar) e a sombra (o lunar).

A sabedoria se instala no *entre*. Entrecruza os opostos buscando a equilibração desequilibrante, a harmonia conflitual, a unidade na multiplicidade (*unitas multiplex*), a androginia que, in-tensivamente, entrelaça os princípios do masculino e do feminino que nos constituem ontologicamente. Opera a alquimia que interliga os contrários mantendo os tons de suas diferenças e potencializando o dinamismo dos encontros sinérgicos e entrelaçantes de compartilhamentos. Encontros que co-movem, desafiam e fazem jorrar novos horizontes, laços e Sentidos.

O saber se caracteriza por sua feição disciplinar e se estrutura a partir de suas leis e normas marcadas pela fragmentação, pela linearidade e pela calculabilidade. A sabedoria se configura por sua feição transdisciplinar incluindo, em seus repertórios, a perspectiva disciplinar, a interdisciplinar e as conduzindo aos horizontes da terceira margem em que os Sentidos constelam através da copulação entre os diversos. Esse constelar de Sentidos se projeta mediante a atitude de despojamento do espírito e do coração que, assim, podem transitar e ultrapassar os limites da primeira e da segunda margem, as expressões mais físicas e visíveis, e se desbordar nos deslimites da terceira margem em que se revelam os estados e Sentidos anímicos.

Na terceira margem, corporeidade e espiritualidade se religam e re-afirmam sua condição de polaridades interpolares e coexistentes que, com in-tensidade, se complementam e fazem vicejar a inteireza do existir humano em sua imanência e em sua transcendência. O vocábulo in-tensidade supõe que existem fluxos tensoriais/tensivos inerentes à condição humana e às relações intersubjetivas como expressão de forças e energias internas que mobilizam e potencializam os processos de mutação e de transformação; como germe da conflitividade que se apresenta em nossa condição de seres bioculturais e que, assim, impulsiona os partejamentos constantes que vivificam e renovam o existir e o co-existir.

Se, em nossos existires, prevalecem os repertórios da eficácia do saber, tendemos a nos converter em seres frios e desvitalizados, possuídos pela funcionalidade mecânica do mundo da técnica e da tecnologia que traduzem a sofisticação e a eficiência que nos confinam em seres robotizados e indiferentes. Assim, perdemos o calor e a pregnância das afecções; desbotamos os tons da delicadeza e da ternura; nos esvaziamos do elã da sensibilidade humana; comprimimos o espírito e o coração e nos convertemos em monstros gélidos.

O cuidado com a sabedoria sempre implica em incluir o universo dos saberes para expandi-los e canalizá-los para propósitos mais vastos e primordiais do humano. Traduz a busca permanente e o cultivo das afecções humanas, dos sentimentos mais nobres e altaneiros; dos valores anímicos que supõem o garimpar as preciosidades da alma, da imaginação criante, do espírito altivo. Implica nas aprendizagens e co-aprendizagens constantes do ser-com-os-outros, das teias de simpatia e de empatia que dão cromaticidade ao viver; no trato desveloso com as atitudes de solidariedade, de generosidade, de amorosidade, de equidade, de dignidade, de *fraternura*.

O saber isolado e desprovido de sabedoria fabrica crostas que nos infla em posturas de arrogância e prepotência; fragmenta e exclui as relações de complementaridade, de inclusividade e de interdependência entre corpo e espírito, entre pensar e sentir, entre masculino e feminino que estruturam o existir. Como me refiro em outros escritos, em nosso processo civilizatório ficamos empanturrados de saber e esfomeados de sabedoria. Congestionados de informações e esvaziados de formações. Especialistas nas coisas de fora, nos fragmentos, nos expedientes externos, e ignorantes nas coisas de dentro, na compreensão do dinamismo dos entrelaces das teias, nos expedientes internos.

Enfim, o saber isolado nos bitola nas linhas retas, nos enrijece com a mesura dos cálculos, nos torna sisudos com o peso e a dureza de suas fôrmas empadronadas. O horizonte da busca de sabedoria interliga rigor e vigor, pesura e leveza, seriedade e riso, firmeza e ternura; implica em abertura dos sentidos perceptivos, da consciência compreensiva, da sensibilidade para penetrar nas in-tensidades dos desafios das ondulações do devir; em dançar no ritmo dos fluxos tensoriais do existir vislumbrando as metamorfoses que expandem, renovam e qualificam.

O cuidado com a lapidação da sabedoria se traduz no garimpar as preciosidades que estão dentro de cada um de nós fazendo-as florescer e reluzir mediante o dinamismo de nossas relações com os outros; se traduz na afinação permanente do espírito de fineza; nos interliga com a alma do mundo (*anima mundi*). Pelas trilhas da busca da sabedoria podemos aprender e saborear a maestria do cuidado desveloso com os modos de condução (*o como*) em que nossas idéias (*o que*), propósitos e utopias podem ser incrementados, na materialidade e na concretude da carnalidade do vivido/vivente, com espiritualidade e sensibilidade.

Os horizontes da sabedoria nos conduzem à firmeza, a materialidade, a fecundez e ao enraizamento da Terra e, ao mesmo tempo, nos projeta na imensidão, na leveza, na expansividade e na infinitude do Céu.

Enfim, o cuidado com a sabedoria implica na fruição do dinamismo e da policromia da roda do compartilhamento de nossos sentires e pensares, dos Sentidos que *animam* e dão vivacidade ao existir e ao co-existir, ao nosso ser-estar-sendo-com. Fruição pregnante e anímica das in-tensidades das teias que nos constituem, em seus fluxos e interfluxos constantes de afirmação, de mutação e de renovação da ciranda do viver.

### **From the Straight Line of Cognizance to the Circle of Wisdom**

#### **Abstract**

The text presents meditations about Cognizance as repertoires of knowledge that translate general, scientifically, and technically based information and references, which, with their logical and formal, systematic and critic traits are necessary for our daily life pragmatism and functioning. It unveils comprehensions about Wisdom as repertoires that are constituted by the sphere of cognition but goes

beyond it and expands it focusing on the existential values and primordial Senses that shape human condition. Wisdom implies the intensive and fecund coexistence between thinking and feeling, between the theoretical and practical, between body and spirit, in the care of the complexity of human entirety. Cognizance is circumscribed in the orbit of understanding, of meaning. Wisdom is located in the orb of understanding, of senses.

### **Keywords**

Cognizance. Wisdom. Senses.

### **Referências**

- ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- BOHM, David. **A totalidade e a ordem implicada**: uma nova percepção da realidade. São Paulo: Cultrix, 1992.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COLLI, Giorgio. **O nascimento da Filosofia**. Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- LEMKOW, Anna F. **O princípio da totalidade**. São Paulo: Aquariana, 1992.
- MORAIS, Regis de. **Espiritualidade e educação**. Campinas, SP: C. E. Allan Kardec, 2002.
- MORIN, Edgar. **Amor poesia sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- Morin, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- Morin, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- NEEDLEMAN, Jacob. **O coração da Filosofia**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- NIETZSCHE. **Obras incompletas**: o nascimento da tragédia no espírito da música; humano, demasiado humano; aurora; a gaia ciência; assim falou Zaratustra. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção os pensadores, v. 1).
- ORTIZ-OSÉS, Andrés. **Amor y sentido**: una hermenêutica simbólica. Barcelona: Anthropos, 2003.
- ORTIZ-OSÉS, ANDRÉS. **Filosofia de la vida**: así no habló Zaratustra. Barcelona: Anthropos, 1989.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2003.